

A AGRICULTURA COMO MOEDA DE TROCA



O sector dos fertilizantes irrompeu com estrondo na cena política portuguesa, por força da apresentação de uma proposta de aditamento do PAN ao Orçamento de Estado para 2021, que impunha um agravamento da taxa de IVA de 6% para 13% dos fertilizantes não orgânicos.

Sem debate e sem auscultação do sector, o PAN decidiu utilizar esta proposta como moeda de troca para a aprovação do Orçamento, demonstrando, uma vez mais, um desconhecimento profundo do sector e descurando o impacto que esta teria na vida dos agricultores portugueses. Ao contrário do que era expectável, o Governo cedeu e, por pouco, não comprometeu os interesses dos pequenos agricultores e da agricultura familiar.

Felizmente, a Assembleia da República soube estar à altura das expectativas e rejeitou esta proposta, revelando um elevado sentido de responsabilidade e um alargado compromisso interpartidário em não penalizar a agricultura convencional e os pequenos agricultores e a agricultura familiar, especialmente num período particularmente adverso para o sector.

Vale a pena, assim, explicar o óbvio: grande parte do tecido agrícola nacional é ainda representado por pequenos agricultores, com pequenas estruturas familiares, que vivem daquilo que as suas culturas lhes dão. Esta parece ser uma realidade longínqua para quem não conhece o sector, mas todos os dias são muitos os que colocam as mãos na terra

e enfrentam as dificuldades de viverem desta actividade, sujeita a caprichos da natureza, do clima e até de padrões de consumo.

Neste contexto, o aumento do IVA dos fertilizantes representaria uma penalização desmedida sobre os mais vulneráveis. Pior do que isso, seria esquecer e/ou não ter conhecimento da sua importância e do seu contributo para o desenvolvimento das culturas destinadas à alimentação humana. É não saber que, sem fertilizantes, não existe capacidade de produção suficiente para toda a população. Mais, os fertilizantes minerais são responsáveis, de forma indirecta, pela alimentação de cerca de 50% da população mundial, proporcionando uma produção de alimentos em quantidade e qualidade ao menor custo.

Esta medida, injusta nos fins e injustificada nos meios, foi suscitada sem qualquer fundamento, desafiando, assim, o sector a promover o esclarecimento da opinião pública sobre esta questão.

Em primeiro lugar, é importante deixar claro que o desenvolvimento da agricultura em modo biológico não pode ser feito contra a agricultura convencional. Por duas razões principais: a agricultura biológica não tem capacidade de produção suficiente para substituir a produção decorrente da agricultura convencional e satisfazer as necessidades alimentares da população; economicamente, os produtos biológicos não estão ao alcance da generalidade dos consumidores

portugueses, pois apresentam custos de produção mais elevados e produtividades menores.

Por outro lado, os problemas ambientais atribuídos aos fertilizantes minerais também se verificam nos fertilizantes orgânicos. O conhecimento e a experiência dos profissionais desta área mostram que há fertilizantes não-orgânicos mais ecológicos do que os chamados 'orgânicos', que são considerados, de forma errada, mais benéficos para as terras e para os produtos. Os fertilizantes orgânicos não estão isentos de riscos ambientais, por isso a substituição directa de fertilizantes minerais por orgânicos pode trazer problemas graves pelas quantidades necessárias para fornecer os nutrientes que satisfazem as necessidades das culturas. Aliás, a própria agricultura biológica ficaria em risco se estes não estivessem disponíveis no mercado.

Assim, é fundamental que os diferentes modos de produção agrícola possam co-existir em equilíbrio. As práticas agrícolas em geral, e as práticas de fertilização em particular, têm evoluído de forma significativa como resultado da aplicação de tecnologia mais eficiente e do uso de ferramentas de monitorização das culturas. Actualmente, é possível fazer escolhas precisas e adequadas, com a aplicação, no momento certo, de quantidades rigorosas e ajustadas às necessidades das culturas. ●

Associação Nacional de Produtores e Importadores de Fertilizantes